

Margaret Drabble

# Sobe a Maré Negra

Tradução de Telma Costa

para Bernardine Bishop  
1939-2013

«O corpo vai morrendo aos bocados e, tímida, a alma  
vê apagar-se a sua pegada quando sobe a maré negra.»

D.H. LAWRENCE, «A Barca da Morte»

«Ao longo do inverno chamamos pela primavera.  
Na primavera pelo verão chamamos  
E quando vibram as sebes abundantes  
Declaramos que o inverno é o melhor;  
E depois nada há de bom  
Porque a primavera não chegou —  
Nem sabemos que o que nos altera o sangue  
É tão-só o seu anseio da tumba.»

W.B. YEATS, «A Roda»



MUITAS VEZES TEM SUSPEITADO que as suas últimas palavras para si e para o mundo virão a ser «Sua grandessíssima tola», ou talvez, conforme a disposição do dia ou a hora da noite, «Que idiota me saíste, porra». Quando o carro lançado bater na árvore, ou a caldeira sem manutenção explodir, ou o fumo e as labaredas encherem o corredor, ou o apoio no algeroz lá em cima ceder, serão essas as suas últimas palavras. Não pode saber com certeza que será assim, mas desconfia. Nestes seus anos mais maduros tem vindo a cultivar um profundo interesse pela frase «Não se pode dizer que um homem é feliz até que morra». Ou uma mulher, já agora. «*Não se pode dizer que uma mulher é feliz até que morra*». É justo, e no mundo antigo houve tanto homens como mulheres que tiveram fins infelizes. Clitemnestra, Dido, Hécuba, Antígona. Embora Antígona, claro, há que não esquecer, se tenha regozijado por morrer nova e por uma boa (ainda que absurda) causa, assim escapando aos inconvenientes da velhice.

A própria Fran tem já idade bastante para não morrer nova e demasiados anos para escapar aos joanetes e à artrite, aos sinais e às bolhas, ao adelgaçar dos pulsos, às cataratas incipientes mas ainda não tratáveis, ao desgaste instalado. Sabe que, com o tempo (e talvez não falte muito tempo), todos estes

incómodos se tornarão tão incomodativos que ela vai querer embarcar num desses atos de loucura imprudente que leve tudo a um fim rápido, talvez sensacional. Mas poderá o fim rápido eliminar e negar a felicidade intermitente dos anos anteriores, a prolongada luta por uma certa maturidade, os sucessos modestos, o trabalho árduo? Como seria a folha de balanço na última verificação?

Foi o obituário de Stella Hartleap que lhe voltou o pensamento para esta direção contabilística enquanto guiava ao longo da M1 para Birmingham, cinco ou seis quilómetros apenas acima do limite de velocidade.

O obituário publicado fora incómodo, piamente incómodo de um modo sexista, senilista, hipócrita, dissimulado, que tresandava a *Schadenfreude*. E nesse momento, mais uma alusão a Stella no rádio do carro, nessa rubrica regular de obituários na Radio 4, reacendeu a sua irritação. Não tinha conhecido Stella muito bem, só a conheceu já tarde, em Highgate, por intermédio de Hamish, mas o suficiente para identificar o palavreado e a treta. Stella morreu portanto de inalação de fumo, tinha pegado fogo à sua roupa quando fumava na cama, na sua quinta remota das Black Mountains, depois de ter emborcado um copázio de Famous Grouse. E depois? Uma saída de cena melhor do que morrer no corredor do hospital, em cadeira de rodas, à espera de mais uma dose da quimioterapia venenosa que recentemente fora o triste destino da sua amiga Birgit. Stella, ao menos, não tinha mais a quem culpar senão a si própria e embora os últimos minutos possam não ter sido agradáveis, os de Birgit também não foram. Nada agradáveis, de todos os pontos de vista, e sem o *frisson* complementar da autonomia.

Birgit não teria aprovado o fim de Stella Hartleap. Até poderia censurá-lo. Era uma mulher sentenciosa. Mas isso não vem ao caso. Não temos de concordar com as pessoas, nunca.

A sua nova-velha amiga, Teresa, que está gravemente doente, não iria censurar, porque nunca censurou ninguém.

Sou comandante do meu destino, senhora da minha alma. Um romano, por um romano valentemente vencido.

Há um camião atrás dela, demasiado perto, ela vê os seus grandes olhos mortos e subaquáticos de vidro sujo espreitando-a no retrovisor. Nos velhos tempos, Hamish costumava dar uma boa travadela em situações como esta, como aviso. Ela sempre pensou que aquilo era perigoso, mas ele nunca sofreu danos. Não tinha morrido ao volante. Morreu de uma coisa mais insidiosa, menos violenta, mais cruelmente prolongada.

Ela prefere o acelerador. É mais seguro do que o travão. O seu primeiro marido, Claude, acreditava no uso do acelerador e, nisso, ela seguia-o.

Francesca Stubbs vai a caminho de uma conferência sobre alojamento para idosos, assunto pertinente para a sua linha de pensamento, mas não heroico em si. Fran é de certo modo perita na matéria, trabalha para um fundo solidário que atribui generosos montantes de investigação à análise e melhoramento dos apoios à vida dos idosos. Sempre se interessou por todas as formas de habitação social e este novo emprego assenta-lhe bem. Intriga-a o facto de cada vez mais pessoas em Inglaterra optarem por viver sozinhas, neste princípio do século XXI. Aos estudantes parece não incomodar a coabitação, até gostam, e a coabitação é imposta aos enfermos e aos velhos, mas há cada vez mais pessoas capazes que escolhem, a meio da vida, viver sós. Isto suscita, no parque habitacional, necessidades para cuja satisfação sucessivos governos mostram falta de capacidade, possivelmente de vontade.

Fran é a favor de um imposto sobre a ocupação do solo. Agitaria um pouco as coisas. Mas os ingleses são extraordinariamente tenazes em relação a terrenos. A palavra «proprietário» tem uma ressonância poderosa.

Não, não há nada de heroico nas políticas do alojamento e da construção, assuntos que ocupam de momento a sua vida profissional, mas a velhice em si é tema para heroísmo. Requer coragem. Desde uma idade precoce e imprópria para tal que Fran se sente atraída pela morte heroica, pelas últimas palavras famosas, pela despedida trágica. Os seus pais tinham na estante um exemplar do dicionário de Brewer *Expressões e Fábulas*, um livro que, adolescente, folheava com morbidez durante horas. Um dos seus capítulos favoritos era «Palavras de moribundos», com o seu sortido fino de ditos devotos, complacentes, apócrifos, piegas e provocadores. Os artistas têm rendido: Beethoven terá dito «No céu ouvirei bem»; o pintor erótico Etyy declarou: «Maravilha! Maravilha, esta morte!»; e Keats morreu com valentia, confortando generosamente o seu pobre amigo Severn.

Aqueles que iam ser executados tinham claramente tido tempo para preparar um belo último pensamento e, desses, ela simpatizava com aquele romântico de Walter Raleigh, «Pouco importa onde cai a cabeça, desde que o coração bata certo». Harriet Martineau, que em criança muito sofrera por causa da religião, como Fran veio a descobrir mais tarde, observara estoicamente, «Não vejo razão para que a existência de Harriet Martineau seja perpetuada», sentimento de admirável composição que captara a atenção infantil de Fran muito tempo antes de ela saber quem tinha sido Harriet Martineau. Mas acima de tudo gostou das palavras de despedida de Siward, o Dinamarquês, que ordenara aos seus homens: «Icem-me, para que eu possa morrer de pé, não deitado como uma vaca.» Não sabe porque é que aquilo a encanta de tal modo, sendo improvável que ela viesse a morrer num campo de batalha. Poderia significar que ela tinha sangue dinamarquês? Bem, provavelmente tinha, claro, como muitos, talvez a maioria, dos ingleses.



Ou talvez tenha gostado da alusão à vaca, que lhe soou estranhamente afetuosa, não desdenhosa.

Tinha muito mais hipóteses de morrer numa autoestrada do que num campo de batalha.

Os vikings não eram a favor de uma morte tranquila e confortável na cama. Ao contrário do seu primeiro marido, Claude, que estava de momento a pôr-se o mais confortável que podia.

Afastou-se do camião e está a ultrapassar um carrão familiar castanho, cheio de pó, com um dístico irritante acerca do seu «Bebé a bordo». Agora tem atrás de si uma anónima carrinha branca e suja. Chove, mas o tempo está lamacento, são aqueles chuviscos cinzentos de fevereiro, e o para-brisas tem borrifos. Vem aí tempo pior ao longo do caminho, a previsão avisa, mas ainda não a alcançou. Até aqui, tem sido um inverno cinzento.

Afinal, por que raio vai ela de carro? Porque não apanhou o comboio? Porque, como todas as pessoas que insistem em viver sozinhas não sendo a isso obrigadas, ela *gosta* de estar por sua conta, no seu próprio espaçozinho, sem se ver apertada entre estranhos vestidos de forma invasiva e a comer salgadinhos e sanduíches, agarrados ao café de plástico, extravasando obesamente o espaço do seu lugar e conversando ao telemóvel. Bem-disposta, é com satisfação que entra de rompante no parque de estacionamento de um Premier Inn nos arredores de Birmingham, guiada pelo GPS, na expectativa do jantar. Alguns dos outros delegados hão de estar hospedados no Premier Inn e ela conta encontrar-se com eles. Poderá afastar-se deles se quiser, retirar-se para o quarto anónimo e ver televisão regional.

Fran adora televisão regional. Descobre-se um ror de coisas curiosas vendo a televisão regional de norte a sul do país.

Sente-se satisfeita por ainda ter energia e vontade para conduzir por toda a Inglaterra a visitar unidades de alojamento e de assistência. É uma mulher de sorte, tem sorte no seu trabalho. Por vezes, nos seus momentos mais altos, pensa que está apaixonada pela Inglaterra, pelo comprimento e pela largura da Inglaterra. A Inglaterra é agora o seu último amor. Quer vê-la toda antes de morrer. Não vai poder, mas fará os possíveis.

A instituição que a emprega não cobre a Escócia nem o País de Gales.

Não se importaria se morresse na estrada, em viagem pelo país, mas gostaria de não levar consigo pessoas inocentes.

A carrinha branca e suja está muito perto, demais. A má fama dos condutores de carrinhas brancas é bem merecida, na opinião de Fran. Havia outro capítulo no Brewer com o título «Morte por Causas Estranhas». Não era tão bom como «Palavras de Moribundos», mas tinha os seus encantos. Entre as mortes memoráveis registadas, a maior parte delas na Antiguidade, contava-se a ingestão de pelos de cabra, grainhas, moedas de ouro e palitos. Segundo Plínio, Ésquilo morreu da queda de uma tartaruga. Houve muitos mortos por porcos. Houve quem morresse sufocado pelo riso. Ainda ninguém, tanto quanto sei, pensou em fazer a conta das carrinhas brancas, que deve ser extensa.

Conta voltar a ver o seu colega Paul Scobey. Quando vai fazer o registo na receção do Premier Inn, depois de ter estacionado num lugar livre da gaiola metálica subterrânea para carros, lá está ele, sentado num sofá cor de laranja e roxo do átrio, acarinhando uma imperial enquanto vê um jogo de futebol supercolorido num televisor gigantesco suspenso da parede. Ele acena quando Fran o localiza, ela vai ter com ele para o cumprimentar, instando-o a que não interrompa o que está a ver. Paul é seu amigo e aliado. É demasiado novo para partilhar da

familiaridade e da empatia imediata dela com algumas das necessidades dos idosos, mas tem um jeito agradavelmente sardônico, um desprendimento que ela acha estimulante. Paul não espera que as pessoas queiram o que deviam querer. Há tantos, no negócio geriátrico, que não entendem a perversidade dos seres humanos, o apego, ou a impaciência, aos aspetos irracionais das suas velhas habitações e bairros, a súbita aversão a membros da família com quem tinham convivido sem protestarem durante anos, a recusa em admitir que estão velhos e em breve estarão incapazes. De costume, Paul parece aceitar os caprichos da carência humana. É a favor da vida comunitária e dos esquemas cooperativos, mas compreende aqueles que se recusam a descer na vida e que no fim precisam de morrer sozinhos num prédio de cinco andares, fitando a ameaça de um imposto imobiliário com um olhar frio. A cenoura e o pau, diz Paul. Se queres vê-los na rua, tens de aliciá-los para saírem.

Fran não gosta dessa expressão, «a cenoura e o pau». Os velhos não são asnos. Mas Paul tem as ideias certas.

Paul tem a mãe a viver teimosamente sozinha na casa onde ele nasceu, numa urbanização de casas baixas, em Hagwood, erigida nos anos cinquenta na ponta oeste de Smethwick. Fala dela por vezes, mas não muitas. Fala mais dos méritos e defeitos dos lares privados e camarários do que da própria mãe, mas Fran sabe que ideias sobre a mãe lhe informam o pensamento. E também tem uma tia idosa e há muito demente, irmã mais velha da mãe, Dorothy, que vive perto de onde eles estão agora. Fazer-lhe uma visita figura na sua agenda para estes dias e Fran concordou em acompanhá-lo para ver o pequeno lar onde ela está há anos internada. É território da família dele, não de Fran, embora ele agora viva lá para sul, em Colchester.

Paul dá palmadinhas no sofá ao seu lado, a sugerir-lhe que se sente. A espuma que enche o revestimento de tipo couro ignífugo do sofá afunda-se marcadamente sob o seu peso modesto. Terá de fazer esforço para se levantar.

Paul é do tipo ruivo mas com cabelo e pestanas louros, levemente sardento, pele de uma palidez impressionante, feições agradáveis com o seu quê de infantil no nariz arrebitado, quarenta e tal anos, supõe ela, um pouco mais novo do que o seu filho Christopher. Olhos cor de avelã, não de um azul-viking. Gostava de ter sido arquiteto, mas a formação demorava muito tempo, ele precisava de começar a ganhar dinheiro e tinha-se ficado pelo urbanismo e habitação. As suas opiniões estéticas (pouco requisitadas) são surpreendentes. Tem um fraco nostálgico muito seu pelo modernismo (não que seja frequente perguntarem-lhe as suas preferências) e do que gosta é das misturas de pseudo-*cottage* pós-moderno, tipo *bungalow*, com minimercado. Conseguem-se todas essas características com grande facilidade numa urbanização, como ele sabe pelas avenidas e ruas em arco de Hagwood.

A sua especialidade está na adaptação. Sabe realmente, ou pensa que sabe, como se deve adaptar a disposição de um espaço habitacional para idosos e inválidos, para a crescente senescência e crescente invalidez. Conta com Fran, que vai muito à frente dele na estrada do envelhecimento (embora, para já, longe da invalidez) para o aconselhar e lhe dar a sua perspectiva. Ficou fascinado quando ela lhe contou da mulher que morreu por não ter sido capaz de abrir a porta do quarto de banho. Não sofria de nenhum mal, a não ser perda de apreensão. Não conseguiu rodar o manípulo, não conseguiu chegar ao telefone para marcar o 112 após um ataque muito leve e morreu no chão frio do seu quarto de banho.

Tivesse ela um puxador de tipo alavanca em vez de uma antiquada maçaneta de rodar, ainda hoje estaria viva. Se não

tivesse fechado a porta quando entrou (e por que carga de água fez isso, se vivia sozinha?), ainda hoje estaria viva.

Morta por um puxador de porta.

*Por falta de um cravo perdeu-se a batalha.*

Tem de se ter cuidado, quando se é velho.

*E tudo por falta de um cravo de ferradura.*

Fran declina uma cerveja. Encontro-me contigo aqui às sete, diz ela. E sobe ao seu quarto para se livrar das botas, deitar-se na cama e contemplar o quotidiano rico de Black Country, a região industrial de West Midlands. O quarto está mais para o fresco, deve haver um termóstato algures, mas não o encontra. Não interessa, não se pode morrer de hipotermia num Premier Inn.

Gosta do quarto. Gosta da alvura das travesseiras e do roxo profundo, rico, da propaganda do hotel sobre a segurança das suas instalações e os seus notáveis pequenos-almoços. Muito roxos, os sinais de marca do Premier Inn.



HÁ DIVERSOS TEMAS DE INTERESSE moderado, felizmente, no noticiário regional: uma conversa promocional entre floristas convictamente animados sobre um evento do Dia de S. Valentim, uma entrevista com um voluntário do banco alimentar, o relato de um esfaqueamento não fatal numa paragem de autocarro em Bilston e, muito inesperadamente, uma peça sobre um pequeno terramoto que atingiu Dudley e as suas imediações na madrugada desse dia. Causou pouca consternação e a maioria das pessoas nem sequer deu por ele, embora uma ou duas tenham dito que a louça do pequeno-almoço tilintou ou que um candeeiro de pé tombou. Gatos, cães e periquitos não gostaram daquilo e, sabidos, viram-no chegar, ou assim afirmaram os seus donos. Era coisa de rotina, mas a atenção de Fran foi captada pela vivacidade do relato de uma

mulher surpreendentemente jovem que afirma ter sido embalada no seu barquinho fundeado por uma onda nada pequena e inexplicável. — Não foi um *tsunami*! — diz essa pessoa dinâmica e de cara vermelha, numa pose pitoresca e com inteiro à-vontade, com um barrete de lã roxo, um casaco vermelho acolchoado e botas de cowboy, no cais ao longo do canal que vem do Museu ao Ar Livre. — Mas foi sem dúvida uma *onda*, eu pensei que tivesse vindo das grutas calcárias, pensei que as paredes da pedra tinham cedido, ou ruído os túneis da mina, ou que talvez um grande monstro do rio abrisse caminho por lá, um que tivesse ali estado durante milénios só à minha espera!

Fran gosta muito daquela pessoa, admira o seu contentamento e imaginação, o sotaque de Wolverhampton, admira o entrevistador e o operador de câmara por perceberam a sua excêntrica fotogenia. — Para lhe dizer a verdade — diz aquela robusta jovem —, estou sempre à espera que aconteça alguma coisa mesmo, mesmo, terrível, como o fim do mundo, percebe o que quero dizer? E que seja logo aqui? Percebe o que quero dizer? — e sorri alegremente antes de prosseguir: — Mas foi só um terramotozinho, dizem que foi muito em baixo na escala de Richter, portanto, ainda não é o fim de Dudley! Não estou a dizer que *queria* um grande, mas teria sido interessante. Percebe o que quero dizer?

Fran percebe exatamente o que ela quer dizer. Também ela pensa muitas vezes que seria divertido assistir ao fim, sem culpas associadas. Ninguém quer ser *responsável* pelo fim, mas poder-se-ia gostar de estar lá, de saber como acaba tudo, toda a experiência estúpida, inútil, desnecessariamente dolorosa do *bang*. Um asteroide serviria, ou um terramoto, ou qualquer outro ato imparcial, não humano, violento, da terra ou do universo. Fran não compreende o desejo da raça humana de perpetuar-se, de continuar a viver a todo o custo. Nunca foi capaz

de o compreender. A sua incompreensão não é apenas um efeito secundário de «as uvas estão verdes» do envelhecimento. Agrada-lhe ver que aquela pessoa saudável e feliz partilha alguma da sua desconfiança metafísica. Aquilo isenta-a.

Uma pessoa não se importaria de morrer de um cataclismo, mas não quer morrer nova por engano, ou possivelmente por erro humano, como aconteceu recentemente à última companheira do seu filho. A morte prematura tem estado sempre no espírito de Fran, a par da habitação para os velhos que se recusam a morrer e os jantares com o ex-marido mais ou menos acamado. O espampanante novo amor de Christopher, Sara, morreu aos trinta e cinco anos de um evento médico raro e Christopher pensa que foram os médicos que fizeram asneira. Fran não tem meios de saber se aquilo é verdade ou não porque nunca ouviu falar da doença rara que matou Sara, mas sente que a atual fixação de Christopher na culpa não lhe faz bem nenhum. Talvez precise que aquilo passe. Não serve de consolo refletir que Sara, como Antígona, escapou a ser velha morrendo nova, pelo que não ofereceu a Christopher essa reflexão paliativa. Não parece apropriado. Não desgostara de Sara, mas não pode esconder de si própria que é Christopher quem lamenta, não Sara.

As coisas são mesmo assim, com graus de camaradagem e de luto. Se o seu filho Christopher, sangue do seu sangue e carne da sua carne, tivesse morrido, o caso seria outro.

Não contara que Christopher e Sara tivessem um grande futuro juntos, mas não estava à espera de que fosse tão breve. O passado comum de ambos foi breve. Não tinham estado juntos muito tempo.

Fran não se mete na vida dos filhos, mas agradara-lhe o que tinha visto em Sara. Isto apesar de desconfiar que Sara representara na vida de Christopher o que agora se chama crise

de meia-idade. A crise de meia-idade, na opinião idosa de Fran, é um luxo, comparando com o que já viu da crise de fim da vida. Mas Sara não tinha tido tempo sequer para a crise de meia-idade.

Sara adoecera muito subitamente numa cama muito larga de um hotel de luxo em Costa Teguisse, na ilha de Lanzarote. Christopher estava na cama com ela e testemunhou a crise, achando-se a braços com as consequências. Sara foi levada de urgência para o hospital em Arrecife, depois trazida de avião para uma clínica particular em South Kensington, onde morreu vinte e quatro horas mais tarde depois de lhe terem dado, segundo Christopher, a medicação errada. Se tivesse ficado em Lanzarote, onde, como lhe disseram, os serviços médicos são de primeira classe, ele achava que não teria morrido. A decisão errada foi repatriá-la. Ele não confiou nos bons conselhos dados pelos ilhéus.

Sara e Christopher não estavam de férias nas Canárias, como a maioria das pessoas que visitam essas ilhas turísticas. Estavam ali em trabalho, mas quem iria acreditar? Pois todos aqueles que conheciam a séria e ambiciosa Sara sabiam disso, se bem que Christopher estivesse lá por uma espécie de bónus, como parceiro beneficiário, ao passo que Sara tratava, com a sua equipa, da pesquisa para um documentário sobre a imigração ilegal do Norte de África. E, por um acaso mais ou menos fortuito e que na altura parecia favorável, tinha esperança de poder gravar uma entrevista sobre os objetivos políticos de uma mulher do Saara Ocidental que por acaso estava em greve de fome nos mosaicos vidrados da zona de partidas do aeroporto de Arrecife quando eles chegaram. Era um espetáculo surpreendente, a mulher congregando as atenções na área das partidas, um brinde para um cineasta. Pelo menos, foi o que Christopher contou à mãe.



Christopher fazia companhia a Sara, estando ele temporariamente desempregado, e a sua presença naquela cama naquela noite quando a doença atacou fora para ela uma bênção, de certo modo. Teria sido pior se estivesse sozinha. Mas, no guião, não há nada de heroico no papel dele.

Fran sabe que Christopher deverá em breve regressar às Canárias para descobrir o que aconteceu ao contingente do Saara Ocidental, para juntar pontas soltas. Resolver questões do seguro de saúde, avistar-se com uns conterrâneos residentes que, disse ele, tinham quebrado as suas rotinas para ajudar na crise. Fran entendeu que havia lá um casal de idade que, naquela emergência, se excedeu em simpatia. Fora deles o conselho que ele devia ter seguido e não seguira.

A princípio, Fran não conseguiu seguir a questão política no confuso relato que Christopher fez do protesto da mulher sarauí no aeroporto, protesto que ela sustentava contra o domínio alegadamente brutal de Marrocos sobre um Estado do Norte de África que ninguém reconhece e que se autodenomina República Árabe Sarauí Democrática. Fran nunca ouvira falar desse Estado e acha difícil decorar-lhe o nome, mas realmente ele existe. Ela foi ver. Suscita pouco interesse nos britânicos ou, inicialmente, em Fran, mas depois da morte de Sara, por respeito para com Sara e Christopher, Fran tentou inteirar-se da sua existência não reconhecida. É uma história de nacionalismo e ativismo político, e a sua heroína é uma mulher sarauí chamada Ghalia Namarome que luta pela independência da pátria. A cineasta Sara, companheira de Christopher, que se especializou em documentários sobre direitos humanos para uma produtora independente chamada A Cascata, fora tocada pela maneira como Namarome se materializara no aeroporto diante dos seus olhos.

Christopher, o filho de Fran, quando está a trabalhar, tem uma função mais frívola: é apresentador de programas

culturais de televisão, sendo conhecido pelas roupas coloridas e pelos modos idiossincráticos, os quais ultimamente têm ido um pouco longe demais.

A maneira como Namarome aterrara no aeroporto de Lanzarote era uma história complicada que incluía a confiscação do passaporte e a deportação do aeroporto da sua cidade natal de Laayoune. Ao chegar a Laayoune de regresso dos Estados Unidos da América, onde fora galardoada com um qualquer prémio da paz, recusou-se a pôr a cruz na naturalidade «Marrocos». Identificou-se como sarauí, do Saara Ocidental, e não quis reconhecer a designação marroquina. Ficou, portanto, num limbo, nas Ilhas Canárias espanholas, num moderno aeroporto turístico na terra de ninguém, aquela elegante mulher contestatária de grandes óculos escuros, cintilantes lenços de cabeça e túnicas turquesa, cor-de-rosa e douradas no meio dos turistas britânicos, alemães e escandinavos de cara vermelha queimada pelo sol, calções caqui e vestidos de algodão que fazem fila à espera do check-in para os seus voos de regresso. Ficou sentada num mosaico de tapetes com motivos orientais, tapetes tudo menos mágicos, recusando retirar-se e aceitando como sustento somente água açucarada.

Namarome era da mesma idade de Sara. Sara, embora britânica de nascimento, descendia de emigrados egípcios e falava árabe. Sara ficara impressionada com a candidata a mártir e a sua resistência passiva. As duas, contou Christopher à mãe, tinham-se entendido e Sara conseguira filmar uma breve entrevista. Falaram do Oásis da Memória, do Muro da Vergonha. Parece, soube Fran por Christopher, que há um grande muro de areia, uma duna artificial construída com areia e tijolo ao longo do Norte de África, semelhante à barreira que separa Israel da Margem Ocidental, mas muito mais comprido. Poucos são os que, no Ocidente, sabem da sua existência ou se importam com ele.